

subjacente, está a crítica a um sistema incapaz de ressocializar o criminoso. Ao colocar a tortura como instituição social, há o questionamento da legitimidade de um método entendido pelas autoridades como uma panacéia no combate à criminalidade.

Ao acompanhar a história de Mendes, o leitor terá a nítida sensação de que ele não procura justificar seus atos criminosos. Embora o relato exponha pontos de revolta e amargura, deixando entrever uma opinião pessoal, pretende-se isento, alheio a juízos de valor. E, diante do teor de sua narrativa, pouco importa saber se o intento foi levado a termo. O que realmente vale é o olhar crítico, perspicaz, disposto a trafegar por um emaranhado de situações nas quais se combinam, com rigor, violência e sensibilidade.

## kropotkin e as prisões | natalia montebello\*

Piotr Kropotkin. *As prisões*. São Paulo, Index Librorum Prohibitorum, 2003.

Erguemos nossas prisões com o suor da nossa fé democrática, civilizatória e filantrópica. Porque é muito mais do que o nosso trabalho o que sustenta velhas e novas prisões: é o nosso amor, mais do que qualquer outra coisa o nosso amor pela humanidade. Diz a sabedoria popular que o amor é cego: diria que a nossa complacente cegueira nos faz amar a paz e a ordem acima

\* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol.

de todas as coisas. Somos cegos e estamos presos em inúmeras obediências, sacralizando o silêncio diante da violência que, sendo cegos, chamamos de legítima.

Para que servem as prisões? Qualquer intelecto cartesiano facilmente concluiria: para nada! Mas é mais do que isso. O olhar atento diante da prisão nos faria tremer, não de terror diante da sofisticada prática institucional da crueldade, mas tremer ao sentir vida em nossos corpos convenientemente civilizados, tremer diante da bem-comportada cumplicidade que entretece as nossas vidas cheias de direitos — grandes e nobres direitos civis — com uma tosca invenção, de direito, contra a vida. E é porque amamos a humanidade que nos consideramos piedosos e, de vez em quando, sentimos pena das pobres almas que condenamos a viver em condições *sub-humanas*. Ensaíamos pensar: o que são condições humanas de vida? Daí que, também de vez em quando, alguém clama pela humanização das prisões. Então ouvimos o que também nos faria tremer: que as prisões devem ser mais higiênicas. Pedimos limpeza geral: dos edifícios, da índole dos funcionários, do sistema, da comida, etcétera e etcétera e tal. Mas novamente não há tremor, pois também somos surdos.

Em 1866 houve uma sublevação de mineiros polacos na Sibéria. Seguiu-se, é claro, o devido julgamento, em nome da ordem. Kropotkin, o príncipe, quis declarar a favor: foi silenciado. O artigo que escreva para não calar lhe rendeu o rompimento com sua nobre família. Foi depois que se tornara Secretário da Sociedade Geográfica Russa. Nos dez anos que seguiriam, o príncipe seria, também, o rebelde Borodin. Foi demais para a ordem: ao ser descoberto seria novamente silenciado. Desta vez, a violência se desdobraria em seu lugar exemplar, a prisão. Kropotkin ou Borodin, a um ou qualquer outro, é sempre assim: ao insuportável o silêncio.

Kropotkin foi encarcerado, incomunicado, na prisão de Pedro e Pablo.

O amor é assim: quando os amantes da humanidade nos dizem que a higienização da prisão humaniza a prisão, não ouvimos a imbecilidade brandindo a espada do ódio pela vida; e não ouvimos porque estamos surdos. Assim é bem mais fácil. Quando falamos das prisões o fazemos como se estivéssemos à mesa, num almoço familiar de domingo, exercendo os nossos sagrados direitos civis, falando, porque não falamos também, sem proferir palavra que possa arranhar o nosso amor à ordem. Mas temos o grande direito da liberdade de expressão! Resguardamos a ordem e falamos em nome da humanidade, para não dizer coisa alguma. E é disso que se trata.

A misericórdia do Estado deu a Kropotkin um pouco de voz e de ouvidos: foi transferido para uma prisão mais *humana*. Seus trinta anos, porém, não foram suficiente para suportar as precárias condições higiênicas do edifício. Se fosse apenas isso, tudo bem, há sempre um remédio: foi transferido para a enfermaria. Mas não era isso. Na segunda tentativa, ajudado por vinte amigos, Kropotkin foge, e enuncia: a prisão é insuportável, e não se trata de higiene. A rebeldia é incontível, não pactua com medidas, não se interessa pelas reformas daquilo que aniquila, é uma afirmação de vida diante do bom comportamento e das boas intenções. É um falar que transborda as palavras e diz sobre a vontade, ignorando conveniências. A rebeldia não busca redenção nem aceita castigos. Não há outra vida a ser vivida.

O nosso amor cristão pela humanidade nos reclama sem olhos e ouvidos atentos, sem palavras que cortem. Devemos proferir, em uníssono — em nome da humanidade —, o nosso ódio pela vida. A vida não nos faz

tremem porque estamos presos no amor a isso que os nossos direitos descrevem como vida: a ordem civil. Uma história deste mundo muito bem poderia narrar o fim da vida desta maneira: quando a vida passou a ser entendida como uma série de direitos civis. O nosso herói é o cidadão!

Diante de qual princípio “filosófico” erguemos as prisões-laboratório de nosso sistema penal? É o bíblico olho por olho, dente por dente, nos diz Kropotkin — porque suas palavras dizem. É o nosso ódio que sustenta nossas prisões. Nosso profundo ressentimento, porque amamos profundamente e é assim que devemos odiar. Construímos prisões para exercer legítima e lucrativamente o nosso ódio pela vida.

Os operários que em Paris, no ano de 1877, escutaram Kropotkin falar sobre as prisões talvez tenham escutado, porque diante deles alguém falou, não graças a seu direito de expressão, mas por um sério tremor: vida transbordando em palavras sem tempo, sem ordem, sem paz. Hoje lemos estas palavras e sabemos, apaixonadamente, que o único que temos por fazer com as prisões é aboli-las. O resto já foi feito e os resultados, em 1877 ou hoje, são os mesmos: nada.

“Se me perguntassem: ‘O que poderia ser feito para melhorar o regime penitenciário?’ Responderia: nada! Porque não é possível melhorar uma prisão” (p. 16).

No meio de toda essa nossa calma civilizada, no marasmo de direitos em nome de nossa segurança, sabemos que inventamos a prisão porque não podemos viver sem o céu e o inferno, sem a culpa e a redenção, sem o pai, sem um lugar que não existe, sem um momento que virá, porque estamos presos na ausência, na negação e em terríveis silêncios.